

A INFLUÊNCIA DE HUSSERL EM SARTRE E O AVANÇO DA PROPOSTA SARTRIANA NA FUNDAMENTAÇÃO DE UMA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL FRANCESA*

The Husserl's influence in Sartre and the development of the Sartre's proposal to found a French Existential Phenomenology

Egon Felipe Pessoa Dias**

Resumo

Este artigo tem a finalidade de apresentar de forma sucinta o método fenomenológico de Husserl e o impacto que tal método tem sobre a obra de Sartre, em especial em *A transcendência do ego*, que caracteriza certa síntese entre a fenomenologia e o existencialismo na França. Os elos estabelecidos entre ambos os filósofos — Husserl e Sartre — podem não ser muito evidentes, no entanto é inegável a influência do primeiro sobre o segundo, já que este toma como fonte o pensamento alemão para desenvolver seu raciocínio em torno do que ele compreende por *redução*, principalmente no tocante ao que ele concebe como a possibilidade de um ego transcendente.

Palavras-chave: Husserl; Sartre; método fenomenológico; existencialismo francês.

* Artigo enviado em 13 de maio de 2014 e aprovado para publicação em 21/05/2014.

** Licenciado e Bacharel em História, pela UNI-BH; fez duas especializações na UFMG (História e Culturas Políticas; Temas Filosóficos). É Mestrando em Filosofia na FAJE.

Abstract

This article aims to introduce shortly the Husserl's phenomenological method and its impact in the Sartre's work, mainly in *The Transcendence of the Ego*, that has a kind of synthesis between Phenomenology and Existentialism in France. The links between Husserl and Sartre cannot be so evident, but it is undeniable the influence of the first on the second, since Sartre takes German thought to develop his argument about that his understanding of *reduction*, mainly his understanding of possibility of a transcendent ego.

Keywords: Husserl; Sartre; phenomenological method; French existentialism.

1. Introdução

Os reflexos do método fenomenológico da filosofia alemã, oriundos principalmente de pensadores como Hegel, Husserl e Heidegger no pensamento francês são muito marcantes. Tal impacto se dá de forma bastante perceptível especialmente entre as reflexões de Husserl e Sartre, cuja ponte é estabelecida primordialmente por Heidegger, mesmo que de maneira indireta. Com efeito, o que se verifica é a recepção da fenomenologia husserliana por Sartre e o desenvolvimento do que pode ser concebido como sendo uma espécie de fenomenologia-existencial francesa, que terá um forte impacto na filosofia ocidental contemporânea de modo geral, até sua crise a partir da segunda metade do século XX com o avanço do estruturalismo.

O presente artigo, portanto, tem a finalidade de apresentar de forma sucinta o método fenomenológico de Husserl e o impacto que tal método tem sobre a obra de Sartre, em especial *A transcendência do ego*¹, que vai caracterizar certa síntese entre a fenomenologia e o existencialismo na França. Os elos estabelecidos entre ambos os filósofos — Husserl e Sartre — podem não ser muito evidentes, no entanto, é inegável a influência do primeiro sobre o segundo, já que este toma como fonte o pensamento alemão para desenvolver seu raciocínio em torno do que ele compreende por *redução*², principalmente no tocante ao que ele concebe como a possibilidade de um ego transcendente.

¹ Ver SARTRE, J. P. *A transcendência do ego*: esboço de uma descrição fenomenológica. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2013.

² Conceito de grande relevância, que será desenvolvido ao longo do trabalho.

O que se verifica, de forma geral, é a problemática da subjetividade, que gira em torno da oposição existente no pensamento ocidental entre *fenômeno* e o *ser em si*: o fenômeno estaria no campo do sensível, constituindo uma ilusão ou fantasia a partir da opinião (*doxa*), enquanto o ser em si estaria no campo do inteligível, constituindo o ser verdadeiro, parmenídico. Ocorre uma primazia do inteligível sobre o sensível e, no século XVII, a partir do advento da Revolução Científica, em especial do desenvolvimento do pensamento de René Descartes, nota-se uma reviravolta desta concepção, exatamente por ganhar força a concepção em torno da subjetividade. Essa reviravolta cartesiana acerca da subjetividade marca uma crise da primazia do inteligível sobre o sensível, uma vez que a ideia do “eu” se torna o centro da reflexão filosófica, ganhando uma predicação de inteligibilidade. Nesse sentido, o *cogito* cartesiano irá perpassar toda a fenomenologia-existencial francesa, pois no bojo do cartesianismo há uma lacuna no sentido de que a mente não pode ser geometrizada, quantificada, como ocorre com a natureza e o corpo, por exemplo. A partir desse impasse gerado pela mente no interior da teoria cartesiana, verifica-se uma tentativa, principalmente a partir do século XIX, de preencher tal lacuna e criar uma possibilidade de explicação para a mente, o que vai desembocar no aparecimento da psicologia e das teorias que buscam compreender os comportamentos humanos. Outro ponto problemático da teoria de Descartes diz respeito à questão da liberdade, pois, fica a pergunta: como é possível pensar o retorno do *cogito* ao mundo dos homens, ao *ethos* e a historicidade da cultura?

Serão exatamente estes problemas sobre os quais Husserl se irá debruçar ao desenvolver suas reflexões em torno do método fenomenológico e que terão ecos no pensamento sartriano, constituindo assim a fenomenologia-existencial francesa. Obviamente não é objetivo deste artigo esgotar todas as possibilidades de leitura do pensamento de Husserl, da obra de Sartre ou da própria fenomenologia-existencial francesa, já que esta é uma área muito ampla. O foco aqui consiste em apresentar brevemente e em verificar a influência husserliana no pensamento de Sartre e como isso auxiliou para a fundamentação de uma fenomenologia existencial francesa.

2. Husserl e Sartre: elos

Paul Ricoeur em seu livro *Na escola da fenomenologia*³, apresenta um capítulo intitulado *Husserl (1859-1938)*, no qual um dos tópicos desenvolvidos diz respeito a passagem da fenomenologia

³ Ver RICOEUR, P. *Na escola da fenomenologia*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2009.
Pensar-Revista Eletrônica da FAJE v.5 n.1 (2014) 81

descritiva à fenomenologia transcendental. Neste texto, esboça-se a proposta de Husserl em fazer descrições da vivência da consciência, para então refletir sobre o que isso significa. Husserl alega que a explicação lógica de um pensamento é uma espécie de psicologismo, e, nesse sentido, toda ciência empírica não é capaz de explicar em termos lógicos um fenômeno. Verifica-se a posição de Husserl em criticar as ciências, já que estas buscavam ser o fundamento último de seus próprios métodos de explicação, adotando uma espécie de estatuto ontológico. Husserl alega que urge a necessidade de se buscar uma gênese do conhecimento, através da descrição dos atos da consciência, defendendo a ideia de que tal busca se dá no próprio sujeito, o que representará uma oposição às teorias de fundamentação última das ciências inseridas nelas mesmas. A vivência da consciência está sempre orientada para algo, e isto por si só já é referência a uma transcendência. Ocorre então uma oposição à metafísica ao se adotar a suspensão do juízo, a *epoché*, que nada mais é do que a *redução fenomenológica*. Conforme informa Ricoeur

A “redução” fenomenológica se apresenta ao mesmo tempo como a explicação do método praticado na descrição dos fenômenos e como a elaboração de uma filosofia transcendental que implica uma verdadeira decisão metafísica sobre o estatuto ontológico desses fenômenos.

A fenomenologia nasceu de uma crise de ceticismo, posterior à descoberta da intencionalidade e relativa à própria possibilidade da intencionalidade, isto é, finalmente, de sua referência a uma transcendência. A essência da consciência é igualmente o seu enigma. A crise é resolvida pela distinção, não da consciência reflexiva e da coisa espacial, como em Descartes, mas pela cisão, no próprio objeto, entre seu em si suposto e seu aparecer puro. (RICOEUR, 2009 p.13-14)

Fica bastante claro então como a reflexão de Husserl se volta a solucionar os problemas inseridos no cartesianismo, além de representar uma forte crítica às ciências que buscavam uma fundamentação ontológica no bojo de suas próprias teorias. Além disso, Ricoeur cita o conceito de *redução fenomenológica*, que será de grande relevância para o desenvolvimento do método proposto por Husserl.

É relevante ressaltar ainda, que Husserl irá confrontar-se com dois grandes problemas: o primeiro concerne à questão do tempo, uma vez que ele é constituidor da consciência; o segundo concerne à questão da alteridade, pensando-se a fenomenologia numa espécie de “egologia”, cuja preocupação volta-se para o “eu” e para o “outro”. É exatamente neste ponto que está a centralidade do problema da subjetividade, onde as reflexões sobre a temporalidade

da consciência que se constitui a partir de um acúmulo de fenômenos do passado, e as reflexões acerca das relações entre o sujeito com os indivíduos que o cercam, se tornam muito importantes por configurar a intersubjetividade. O desenvolvimento de uma ética para a compreensão mais acurada dessas reflexões torna-se necessário, e este é um dilema o qual Husserl deverá enfrentar.

Para tanto, o que ele fará com sua fenomenologia, que toma conotação existencial, será uma ponte entre o mundo da vida e a consciência, não sendo assim a ciência a última instância de explicação do ser humano. Para chegar ao mundo da vida, Husserl desenvolverá argumentos filosóficos a partir da *redução* e, nesse sentido, ele também buscará uma explicação do humano, que passa a ser encarado como um fenômeno. Cabe aqui uma breve apresentação do que pode ser compreendido por *redução fenomenológica*.

A *redução fenomenológica* também é conhecida como *redução filosófica*, que é a *epoché*, ou seja, a suspensão dos juízos no sentido de se buscar a essência das coisas, sendo, portanto, a chave básica de funcionamento do método fenomenológico, que é voltar a atenção aos fenômenos puros, ao fenômeno puro da consciência, um voltar-se às coisas mesmas. Husserl, em sua obra *A ideia de fenomenologia*, fruto de um de seus cursos, destaca a importância do método fenomenológico, que surge como uma crítica ao avanço das ciências e do cientificismo positivista, alegando ser a fenomenologia uma reflexão filosófica relevante por ser capaz de possibilitar a verificação de como se dá o conhecimento, como ele é produzido. Com efeito, no ano de 1905, ao descobrir a ideia da *epoché*, e desenvolvê-la em seus cursos de 1907, Husserl vai mostrar como que a esfera da *cogitatio* não pode cair na dúvida (marcante influência do cartesianismo). Tal esfera da *cogitatio* abrange um aspecto absoluto e multifacetado da consciência, caracterizada pela fantasia, pela recordação, pela pureza do ver, por exemplo. Husserl não tem uma pretensão ontológica em sua fenomenologia, mas sim buscar esclarecer o que é o aparecer, constituindo um constante questionamento sobre o aparecer do fenômeno. Dois conceitos importantes que auxiliam no entendimento da *redução fenomenológica* são os de *intencionalidade* e *intuição*. Por intencionalidade pode-se compreender como sendo a consciência voltada para o objeto, é um ato da consciência. Já por intuição, pode-se compreender como sendo a capacidade de apreender o objeto. A captação intuitiva é o preenchimento da consciência pelo objeto intuído, e Husserl alega que essa intuição não ocorre somente pela percepção atual empírica, mas pode dar-se também no nível da imaginação (recordação/fantasia), o que torna a intencionalidade algo muito importante.

Dessa forma, nota-se como a *redução fenomenológica* irá constituir-se como uma ação importante da investigação filosófica proposta por Husserl por debruçar-se sobre o movimento da consciência. Diz Husserl, na 1ª seção de *A ideia de fenomenologia*:

De outro lado, su tarea positiva consiste en resolver los problemas concernientes a la correlación entre conocimiento, sentido Del conocimiento y objeto Del conocimiento investigando la esencia Del conocimiento. Entre estos problemas se halla también la manifestación del sentido esencial del objeto cognoscible o, lo que es mismo, del objeto en general; del sentido que le está prescrito *a priori* (o sea, por esencia) merced a la correlación entre conocimiento y objeto de conocimiento. Y esto, naturalmente, atañe también a todas las configuraciones fundamentales de objetos em general, trazadas de antemano por la esencia del conocimiento. (Las formas ontológicas, tanto las apofánticas como las metafísicas.)⁴

A passagem de Husserl esboça de forma geral sua ideia de *redução fenomenológica*, que ele desenvolve com mais detalhes na 3ª seção:

Sólo por médio de una reducción – a la que vamos también a llamar ya *reducción fenomenológica* – obtengo un dato absoluto, que ya no ofrece nada de transcendencia. Si pongo em cuestión el yo, el mundo y la vivencia del yo como tal, entonces la reflexión simplemente intuitiva vuelta sobre lo dado em la apercepción de la vivencia de que se trate, sobre mi yo, da el *fenômeno* de esta apercepción (...) *A todo fenómeno psíquico corresponde, pues, por la via de la reducción fenomenológica, um fenômeno puro, que exhibe su esencia inmanente* (singularmente tomada) *como dato absoluto*. Toda posición de una “realidad efectiva no inmanente”, no contenida em el fenômeno aunque mentada em el y, al tiempo, no dada em el segundo sentido, está desconectada, o sea, suspendida. (HUSSERL, 1982, p. 55)

Husserl então apresenta as etapas da redução fenomenológica, constituída ao todo por três momentos. A 1ª etapa associa-se à *redução filosófica*, que ocorre quando se suspende a História, como, por exemplo, a História das Ideias, para que a consciência apreenda o objeto de forma pura. A 2ª etapa é a *redução eidética*, onde se verifica que à consciência se apresenta uma pluralidade de coisas, que são esboços, aspectos dos objetos, devendo-se eliminar alguns desses aspectos para se chegar à essência do objeto, que é intuída, constituindo uma “essência lógica”,

⁴ Ver HUSSERL, E. *La Idea de la fenomenologia*. Madrid: Fondo de Cultura Económica de España, 1982, p. 31-32.

que não é dada empiricamente. Nota-se a percepção da essência do objeto intencional e a relação que ele pode estabelecer com outros objetos intencionais, relações essas como a comparação e a associação, por exemplo. A partir daí, se chega ao estado de coisa, que é percebido pela consciência, sendo ela também plural (consciência perceptiva, consciência recordativa, consciência volitiva, etc.) e, portanto, tendo modos diferentes de intencionalidade. A *redução fenomenológica* busca então responder à maneira como a consciência percebe ou apreende o objeto, o que demonstra o imenso universo que se abre à pesquisa fenomenológica. A 3ª etapa, associada à *redução transcendental*, debruça-se sobre a correlação noético-noemática estabelecida entre a consciência e o objeto, sendo este o pólo noemático, ou seja, como as coisas se dão à consciência, e esta o pólo noético, ou seja, qual é a intenção da inteligência, para o que ela se volta. Husserl propõe tudo isso para afirmar a existência do "ego transcendental" (a "egologia" como uma forma de ontologia), configurando-se aqui o tangenciamento entre as reflexões husserlianas e o pensamento de Sartre. O ego transcendental é um ego encarnado, pois é verificado à luz da percepção da realidade, sendo, portanto, a percepção de um "eu" (ego). Este ego transcendental é uma espécie de reino que se faz para se perguntar sobre o ego encarnado, que nada mais é do que um ego psicofísico. Husserl então destaca que o sujeito (ego) não é substância (como propõe Descartes com seu *cogito* e Kant com sua transcendentalidade), mas sim um devir, um fluxo heraclítico que tem como limite somente o tempo. Nesse sentido, o tempo é constitutivo e limitativo da consciência, e os momentos posteriores retêm os momentos anteriores. Toda essa proposta de Husserl caminha no sentido de haver uma fundamentação da ciência, que tem como base a lógica, que por sua vez tem como fundamento a consciência, que se abre num vasto universo através da investigação fenomenológica.

Como dito anteriormente, a ponte entre Husserl e Sartre seria o pensamento heideggeriano, que não poderá ser abordado aqui por questões metodológicas de apresentação do trabalho. No entanto, fica registrado que a apreensão de Husserl nas reflexões sartrianas ocorreu graças à apreensão que Heidegger fez do método fenomenológico. Além disso, como esboçado anteriormente, Sartre vai se apropriar da fenomenologia dando a ela feições mais existenciais, fruto de seu próprio existencialismo, desenvolvendo as investigações acerca do ego transcendental, já presente no pensamento de Husserl como foi apontado acima.

3. Sartre e o Ego

Sartre reflete a respeito da exterioridade da consciência, ou seja, como o ego está fora do indivíduo: o ego está no mundo juntamente com o ego de outras consciências. O pensador francês alega que a consciência é a intencionalidade pura, ela está totalmente fora do sujeito, representando a ideia do "eu-no-mundo". Com a redução fenomenológica, o mundo não é perdido, enquanto que simplesmente com o *cogito* cartesiano o mundo não é apreendido, sendo então perdido, o que representa um problema em Descartes conforme foi exposto na introdução do corrente texto. O que Sartre desenvolve então é que o mundo é transcendente à consciência, já que ele pode ser suspenso e submetido a uma investigação fenomenológica, que é de cunho filosófico. Nesse sentido, o que Sartre propõe é um combate ao solipsismo por não aceitar que tudo pode ser redutível à consciência, o que de certo modo recai na dialética hegeliana do senhor e do escravo, já que o estatuto da alteridade é irreduzível à consciência, constituindo exatamente a crítica ao solipsismo.

Toda essa reflexão inicial do pensamento de Sartre é oriunda de seu contato com a fenomenologia, marcando uma fase de seu pensamento entre os anos 30 e 40 do século XX, que irá desembocar em sua fase posterior, marcadamente caracterizada por uma ontologia fenomenológico-existencial, cuja obra maior será *O ser e o nada*, publicada em 1943. Porém, a obra marcante do primeiro contato de Sartre com a fenomenologia é *A transcendência do ego*, publicada em 1934, cujo foco será uma espécie de psicologia fenomenológica devido às reflexões em torno das noções de consciência e ego, ilustrando a correlação noético-noemática entre a consciência e o mundo.

A fenomenologia de Husserl é para Sartre um método científico descritivo para analisar a relação entre o "eu" e a consciência e as condições de possibilidade de representações das coisas, como forma crítica à noção do "eu penso" contida em Kant e nos pós-kantianos. Isso configura problemas existenciais, levantado por questões de fato e questões de direito, já que diz respeito à relação entre o "eu" e a consciência. Com efeito, configura-se aqui o predicado existencial à fenomenologia desenvolvida por Sartre, o que vai representar um certo avanço do pensador francês com relação à fenomenologia desenvolvida por Husserl.

Todavia, o grande avanço de Sartre com relação a Husserl, que vai marcar uma hermenêutica propriamente sartriana das reflexões husserlianas e, por isso mesmo, uma espécie de fundamentação da fenomenologia-existencial na França, será a ideia de que, para Sartre, o "eu transcendental" também cairá na *redução fenomenológica*: a crítica do pensador francês é que este "eu transcendental" não é necessário para as representações do mundo,

o que o torna passível de cair na *redução fenomenológica*, enquanto que para Husserl este mesmo “eu transcendental” é necessário e, obviamente, não entraria na análise da *epoché*. Para ilustração, diz Sartre:

Os problemas das relações do Eu com a consciência são, portanto, problemas existenciais. A consciência transcendental de Kant, Husserl a encontra e distingue por meio da *epoché*. Mas essa consciência não é mais um conjunto de condições lógicas, é um fato absoluto. Tampouco é uma hipóstase do direito, um inconsciente que flutua entre o real e o ideal. É uma consciência real acessível a cada um de nós desde que tenha operado a “redução”. Resta o fato de que é ela que constitui nossa consciência empírica, essa consciência “no mundo”, essa consciência com um “eu” psíquico e psicofísico. Quanto a nós, preferimos acreditar na existência de uma consciência constituinte. Seguimos Husserl em cada uma das admiráveis descrições em que mostra a consciência transcendental constituindo o mundo ao aprisionar-se na consciência empírica; estamos persuadidos como ele de que nosso eu psíquico e psicofísico é um objeto transcendente que deve cair sob a ação da *epoché*. Mas nós nos colocamos a seguinte questão: Esse eu psíquico e psicofísico não é suficiente? É preciso duplicá-lo em um Eu transcendental, estrutura da consciência absoluta? (SARTRE, 2013, p. 18-19)

Isso mostra que para Sartre o “eu” não pode ser pura e simplesmente um “eu psíquico”. Ele coloca a questão: acaso esse “eu transcendental” (consciência transcendental) garante a unidade das representações? A este questionamento, Sartre responde que neste nível de transcendência da consciência não existe tal necessidade, enquanto que para Husserl existe. Sartre critica Husserl, alegando que o filósofo alemão tenta sair do idealismo, no entanto não obtém sucesso. Configura-se a tentativa de Sartre em não cair no solipsismo, através de uma base mais realista de seu pensamento. O “eu” é impessoal, pois é transcendente, no sentido que ele não unifica as representações da realidade (SARTRE, 2013, p. 21), no entanto, a noção de transcendência não é abandonada pelo fato de se levar em consideração o ego transcendental. Sartre toma cuidado também para não cair no realismo ingênuo, ao mesmo tempo que foge do idealismo cartesiano e kantiano, pensando assim em uma consciência impessoal ou pré-pessoal, o que não pode ser entificado, ou seja, essa consciência não é um ente, mas é uma pura liberdade, uma potencialização do ato numa constância pura. O “eu”, nesse sentido, não está circunscrito pela consciência, ele é uma expressão da consciência, e não uma causa ou condição dela.

A posição de Sartre então afirma que o "eu" não está por trás da consciência, justificando assim a alegação de que o ego transcendental não é necessário, não existe. Ele representa a morte da consciência. Afirma Sartre:

Assim, a consciência remete perpetuamente a si mesma; quem diz "uma consciência" diz toda a consciência e essa propriedade singular pertence à consciência ela mesma, quaisquer que sejam ademais suas relações com o Eu. (SARTRE, 2013, p. 22)

Continua Sartre:

O Eu transcendental é a morte da consciência. Com efeito, a existência da consciência é um absoluto porque a consciência é consciente de si mesma. Ou seja, o tipo de existência da consciência é de ser consciente de si. E ela toma consciência de si *enquanto como é consciente de um objeto transcendente*. Assim, tudo é claro e lúcido na consciência: o objeto encontra-se diante dela com toda a sua opacidade característica, mas ela, ela é pura e simplesmente consciência de ser consciência desse objeto, esta é a lei de sua existência. (SARTRE, 2013, p. 23)

Com a leitura dessas passagens do texto sartriano, verifica-se uma confrontação entre a filosofia existencial e a fenomenologia transcendental, que ocasionará uma síntese entre elas, constituindo-se assim uma fenomenologia-existencial. A consciência em Sartre passa a ser associada à ideia de *nada*, tendo uma conotação positiva, já que o nada não é um déficit, mas sim uma riqueza, ou seja, a consciência tem um sentido positivo. Como o existencialismo sartriano é um tipo de humanismo⁵ que se opõe ao niilismo, o *nada* é positivo pois o homem se realiza na negação, na crítica, na projeção e constituição de sua consciência. Por isso o homem, enquanto consciência, é um nada, e sua realização recai em sua liberdade, predicado intrínseco à humanidade do homem, da qual ele não pode fugir. O *nada* é negar, e tal negação configura a liberdade inerente ao homem. Assim, o homem não pode ser entificado, já que ele é consciência, e reside aí um predicado de otimismo, já que o homem é um puro constituir-se, um puro devir.

Uma consciência pura é um absoluto tão somente porque ela é consciência de si mesma. Ela permanece portanto um fenômeno no sentido muito particular em que "ser" e "aparecer" compõem uma unidade. Ela é complexa leveza,

⁵ Ver SARTRE, J.-P. *O existencialismo é um humanismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1965, p. 231-296.

completa translucidez. (...) Todos os resultados da fenomenologia ameaçam ruir se o Eu não for, tanto quanto o mundo, um existente relativo, significa dizer, um objeto *para* a consciência. (SARTRE, 2013, p. 24-25)

4. Conclusão

O presente artigo procurou apresentar em linhas gerais a forma como Husserl esboçou seu método fenomenológico a partir do conceito de *epoché*, e a forma como Sartre recebeu a obra de Husserl elaborando sua fenomenologia-existencial que teve muito peso em toda a filosofia francesa contemporânea. Por se tratar de um texto para reflexões em linhas gerais acerca do tema abordado, seu objetivo foi apenas explorar os pontos principais, havendo a possibilidade de verticalização dos assuntos tratados já que eles não foram esgotados, uma vez que esta nunca tenha sido a proposta aqui. O interessante a notar é que toda a fenomenologia-existencial proposta por Sartre entrará em xeque com o estruturalismo na década de 60 do século XX, através de pensadores como Lévi-Strauss por exemplo, ocasionando uma crise da fenomenologia pelo fato de as Ciências Humanas passarem a reivindicar para si o status de ciência, com o rigorismo do conhecimento científico, exatamente o que exemplifica o ponto de crítica do método fenomenológico. Apesar de o pensamento de Sartre não estar atualmente no foco das atenções das investigações e reflexões filosóficas, é importante fazer uma releitura do pensamento sartriano e verificar até que ponto são pertinentes suas críticas à primazia que o método científico detém nos dias de hoje, recaindo tal crítica inclusive às próprias Ciências Humanas. Questionar-se a todo o momento sobre sua realidade; eis o papel do filósofo.

Referências bibliográficas

HUSSERL, E. *La Idea de la fenomenología*. Madrid: Fondo de Cultura Económica de España, 1982.

RICOEUR, P. *Na escola da fenomenologia*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2009.

SARTRE, J.-P. *O existencialismo é um humanismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1965.

SARTRE, J.-P. *A transcendência do ego: esboço de uma descrição fenomenológica*. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2013.